

UMA SENHORA DE RESPEITO: A AUTORIA FEMINISTA NA ESCRITA DE CARMEN DA SILVA (1919-1985)

UNA SEÑORA DE RESPETO: LA AUTORIA FEMINISTA EN LOS
ESCRITOS DE CARMEN DA SILVA (1919-1985)

Natalia Pietra Méndez¹

Resumo: *O artigo apresenta uma discussão sobre o processo de construção de uma posição feminista a partir da escrita da jornalista Carmen da Silva. Por três décadas, Carmen da Silva escreveu suas crônicas em sua coluna semanal “A Arte de Ser Mulher”, publicada em uma das mais populares revistas voltadas ao público feminino, a Revista Claudia. Carmen da Silva (1919-1985) é tomada neste trabalho com o objetivo de examinar como o ato de escrever contribuiu para que a mesma assumisse uma posição feminista.*

Palavras-chave: *escrita feminista, intelectuais feministas, Carmen da Silva, História do Brasil Contemporâneo.*

Resumen: *El artículo presenta una discusión sobre el proceso de construcción de una posición feminista a partir de los escritos de la periodista Carmen da Silva. Por três décadas, Carmen da Silva escribió sus crônicas em su columna semanal “A Arte de Ser Mulher”, en uma de las más populares revistas com enfoque em el público femenino, la Revista Claudia. Carmen da Silva (1919-1985) es observada em este trabajo com el propósito de examinar como el acto de escribir colaboró para que ella incorporase uma posição feminista.*

Palabras clave: *escrita feminista, intelectuales feministas, Carmen da Silva, Historia de Brasil Contemporâneo.*

Introdução

Neste artigo pretendo examinar aspectos da trajetória intelectual de Carmen da Silva, escritora e jornalista que desempenhou um papel

¹ Professora da Universidade de Caxias do Sul.

singular na elaboração e divulgação de reflexões sobre a condição feminina no Brasil.² No contexto da década de 1960, e nos anos em que atuou como colunista da *Revista Claudia*, seus escritos foram um contraponto aos discursos acerca dos papéis sexuais que relegavam as mulheres ao espaço privado. Tornar-se uma interlocutora das mudanças que transcorriam no cotidiano das mulheres ao longo do século XX significava desafiar uma ordem que silenciava as mulheres. Michelle Perrot destacou que ao longo da história, mas especialmente a partir do século XIX, passou a existir uma tensão entre a busca de voz pelas mulheres e os silêncios impostos pelas normatizações sociais. As mulheres se calam em público, concedem a primeira palavra ao homem, não se importam de ser por estes interrompidas, representadas, descritas. O silêncio passa a ser uma ordem natural na vida pública que se opõe à comunicação oral, permitida, admitida ou, em algumas culturas, até mesmo dominada pelas mulheres no espaço privado:

A voz das mulheres é um modo de expressão e uma forma de regulação das sociedades tradicionais onde predomina a oralidade. Mas sua palavra pertence à vertente privada das coisas; ela é da ordem do coletivo e do informal; ela é proferida no boca-a-boca da conversa familiar, na melhor situação possível, no quase ritual da conversação (...) O que é recusado às mulheres é a palavra pública. Sobre ela pesa uma dupla proibição, cidadã e religiosa. (PERROT, 2005, p.317-318)

A experiência de driblar a ordem do silêncio é parte do exercício de resistência e da construção de uma identidade feminista. Se o silêncio pesou sobre as mulheres, também foram muitas as tentativas de se fazer ouvir. Foi a partir da segunda metade do século XX que o feminismo, como práxis intelectual e como movimento social, contribuiu para deslocar as fronteiras entre o público e o privado.

2 Uma das possíveis definições do conceito de intelectualidade é que este é formado por um grupo social que são os produtores diretos da esfera ideológica: pesquisadores, escritores, artistas, poetas, filósofos, publicistas, jornalistas, professores e estudantes. Essa definição ampla a respeito do termo talvez contraste com boa parte dos estudos dedicados à história intelectual. Tradicionalmente, este campo da história se voltava para o estudo de personagens considerados cânones do pensamento. A noção de intelectualidade usada neste trabalho parte de uma definição realizada por Michael Löwy em seu livro *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. São Paulo: Ciências Humanas, p. 1. citado por Ridenti, Marcelo. *Cultura e política brasileira: enterrar os anos 60?* In: BASTOS; RIDENTI; ROLLAND (orgs.). *Intelectuais: sociedade e política*. São Paulo: Cortez, 2003.

A jornalista e escritora Carmen da Silva, nascida em 1919 e falecida em 1985, é tomada, neste trabalho, como uma possibilidade de analisar como se constrói uma posição feminista. E no recorte deste trabalho me interessei em discutir como o ato de escrever sobre a condição feminina fez com que Carmen se inscrevesse como sujeito feminista.

No ano anterior ao seu falecimento, Carmen publicou um livro autobiográfico e nele se definiu como uma “senhora de respeito”. O livro *Histórias Híbridas de uma Senhora de Respeito* é uma mistura, de acordo com a própria autora, de experiências pessoais, de feministas que conviveram com Carmen e de muitas mulheres cujas histórias saíram do anonimato através da coluna *A Arte de Ser Mulher*, publicada ao longo de três décadas pela *Revista Claudia*. Quanto ao título do livro, a autora foi enfática ao recusar o termo “estórias”. Segundo ela, a palavra possuiria uma “intenção marota de traçar uma linha divisória entre o pessoal e o coletivo, desvinculando os sucessos individuais do curso da História”. (DA SILVA, 1984, prefácio) Cabe salientar que uma das principais bandeiras dos movimentos feministas nas décadas de 1960 a 1980 era a transformação de questões que eram consideradas do âmbito privado em temas políticos. O lema “o pessoal é político” fazia parte do discurso feminista.

Sua autobiografia é um caso interessante a ser estudado para pensar as relações entre indivíduo e história. A história biográfica de Carmen, logo no prefácio de seu livro, apresenta os vínculos a um contexto mais amplo, recusando o mergulho em um “eu individual” que possa ser constituído sem estar conectado a uma dinâmica social e histórica. Assim, a escrita de Carmen da Silva rejeitava a fragmentação entre o público e o privado: “a grafia com agá-i enfatiza minha convicção de que o privado é político”. (idem)

Para examinar a trajetória intelectual de Carmen e suas aproximações com o feminismo tomo como ponto de partida as reflexões de Giovanni Levi, quando aborda a dificuldade encontrada pelos historiadores para analisar as trajetórias de indivíduos, tendo em vista que “as fontes que dispomos não nos informam acerca dos processos de tomada de decisões, mas somente acerca dos resultados destas”.(2005, p.173) Esta limitação dada pelas fontes, por vezes, resulta em explicações monocausais e lineares, o que deve ser repensado, na opinião do autor, a partir de uma reflexão sobre “a relação entre normas e práticas, entre indivíduo e grupo, entre

determinismo e liberdade (...).(2005, p.179)Dentro desta perspectiva a noção de contexto, enquanto um conjunto de normas que moldam e tendem a homogeneizar a ação dos indivíduos, precisa ser criticada.

Traçando um paralelo com Pierre Bourdieu, Levi afirma que estudar o passado de um indivíduo remete a uma análise do contexto: “Nesse sentido, Pierre Bourdieu falou acertadamente da ‘ilusão biográfica’, considerando que era indispensável reconstruir o contexto, a ‘superfície social’ em que age o indivíduo, numa pluralidade de campos, a cada instante”. (LEVI, 2005, p.169) A ideia do contexto como um “campo de possibilidades historicamente determinadas” refere-se a uma dimensão sociocultural do contexto que abarcaria “tanto os constrangimentos normativos e estruturais como as brechas para a criação e a atuação dos indivíduos”. (SCHMIDT, 2000, p. 127-128) No caso deste trabalho, uma das principais fontes para compreender as relações entre a autora e o pensamento feminista é a autobiografia de Carmen da Silva. Para sua análise, torna-se relevante considerar a autobiografia não como um romance, mas como um caso particular de construção de narrativa. (LEJEUNE, 2008, p.75)

Em seus escritos, Carmen da Silva contava a história de mulheres que, antes mesmo da existência de movimentos feministas organizados no Brasil contemporâneo, refletiam sobre os contrastes sociais balizados por uma cultura que sedimentava lugares diferentes e desiguais para os dois sexos.³ Em uma época em que a palavra feminismo soava mal aos ouvidos da intelectualidade brasileira, a escrita de Carmen proporcionou outras formas de pensar e interpretar a condição feminina. A autobiografia de Carmen da Silva e algumas crônicas publicadas ao longo das décadas de 1960 e 1970 serão examinadas para problematizar as relações entre o ato de escrever e a construção de uma posição feminista.

A Carmenzinha do Doutor Pio: em busca de uma nova identidade?

Carmen da Silva nasceu no ano de 1919 na cidade gaúcha de Rio Grande. Na década de 1920, apesar de pequeno em termos de

3 Não se trata aqui de desconhecer organizações feministas que atuaram no Brasil ainda no século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Contudo, no período relativo a este trabalho os movimentos feministas propriamente passaram a atuar a partir de 1975.

habitantes, o município representava uma importante zona portuária do país, o que o colocava em contato com as metrópoles brasileiras e com cidades vizinhas da região do Prata. Carmen pertencia a uma família de classe média alta. Seu avô foi um médico reconhecido por seus atos de caridade. De acordo com Duarte:

Embora cercada de grandes homens, carregando o legado de um avô benemérito e de um pai autodidata, Carmen da Silva, conhecida na cidade como a “Carmenzinha-do-doutor Pio”, tem a infância e a adolescência marcadas pelo conservadorismo da burguesia rio-grandina, que determinava o destino de toda adolescente de seu tempo: ser bem-educada, prendada, para então “arranjar” um bom casamento. (2005, p.19)

Tudo indica que a infância de Carmen foi tranquila, sem privações de ordem econômica e com acesso à instrução. Todavia, cabe questionar quais foram os efeitos da convivência com o assistencialismo praticado por sua família na trajetória intelectual da jornalista. Em seus escritos autobiográficos Carmen identificava a compaixão com a situação de pobreza como um traço marcante de sua infância. Esta questão da preocupação com o outro, em especial com a mulher pobre, se transformou em uma temática recorrente na obra de Carmen da Silva.

Tanto o avô de Carmen quanto seu pai haviam sido médicos. Através do obituário do pai, percebe-se que este era considerado um homem culto e de papel relevante para a comunidade. O jornal *Echo do Sul* noticiou de modo dramático o falecimento do Dr. Pio:

Foi um choque horrível, que repercutirá durante a vida inteira no âmago de toda essa prole amantíssima, como no seio da sociedade rio-grandense em peso, a qual tinha no extinto um profissional desvelado e um digno representante, sob todos os pontos, da sua intelectualidade, dos seus sentimentos e das suas virtudes.

O sr. Dr. Pio, herdando as nobilíssimas qualidades que fizeram do seu saudoso pai um vulto de destaque, não só na sociedade local, mas na do Estado e na do Paiz, era um espírito luminoso, cultivado com apaixonado desvelo, era uma alma talhada na mais perfeita concepção do bem e da virtude, era um coração eivado de affecto, de carinho, de generosidade e de dedicação por todos quantos se lhe acercavam, era um caráter sólido, integro, desses que traçam uma trajetória na vida

e a percorrem com firmeza, com disassombro, sem olhar aos lados, na convicção serena de que o amparam méritos que se não destroem.⁴

A vida do Dr. Pio (filho) é descrita como uma trajetória firme, de alguém que conduziu seus propósitos sem olhar “aos lados”, ou seja, sem desviar-se do caminho. Pertencente a uma família desta estirpe, o caminho natural de Carmen seria formar-se para o casamento, a vida em família e a maternidade. Sua mãe, Dona Celina Daniel da Silva, tivera cinco filhos e passou a se dedicar plenamente a estes após a viuvez. Em sua autobiografia, Carmen utiliza um recurso recorrente na escrita das feministas: a transformação da figura materna em antítese, no modelo a ser rejeitado.

A cidade portuária em que nasceu foi descrita em sua autobiografia como um local conservador, que se movia de forma lenta em direção ao século XX. A entediante rotina das meninas nos anos de 1940 era animada pelo acesso às bibliotecas das famílias de classe média e alta da sociedade riograndina. Carmen contou que realizava passeios com sua família à capital uruguaia, lugar onde a adolescente estabeleceu laços de amizade e contatos com leituras de escritores da região platina. Mas lembranças de criança da escritora não são muito felizes. Segundo ela, sua infância e adolescência transcorreram no curso dos anos 20 e 30, vendo as pessoas morrer:

Lá as pessoas morriam de outras mortes. De tédio provinciano, de falta de perspectivas, dos eternos passeios dominicais em torno da praça depois da missa. Ou assassinadas pelos preconceitos: ficavam ‘faladas’, eram empurradas ao ostracismo, à aridez, à solidão. (DA SILVA, 1984, p.11)

Não se tratava, portanto, de uma morte literal, mas do falecimento que decorre de uma vida que se repete como todas as outras, e que depende, sobretudo, da aprovação da sociedade para existir. A rotina da cidade pequena que sufoca os anseios de meninas sonhadoras é tema presente na autobiografia de Carmen. A escritora relata, com boa dose de ironia, que teve que deixar a cidade natal por não suportar o cheiro de cebola que, conforme conta, era característico. A lembrança do odor a cebola é evocada em sua escrita como síntese de

4 *Echo do Sul*, Anno 71 – Rio Grande 28 de setembro de 1925 – nº 220.

todas as características que ela rejeitava na cidade em que nasceu: o provincianismo, o tédio e os preconceitos sociais.

Para a Carmenzinha do Doutor Pio, o destino de meninas como ela estava selado. Filhas de famílias oriundas das camadas médias e altas, recebiam uma educação conservadora para tornarem-se mulheres cumpridoras dos seus deveres matrimoniais. Porém, a história de Carmen, assim como de outras mulheres de sua geração, estava longe de apresentar um desfecho contínuo e linear rumo a um destino traçado desde o seu nascimento. A própria autora fornece informações que corroboram que a dinâmica da vida permitiu novas possibilidades.

Havia um mundo, uma sociedade em movimento na primeira metade do século XX que levaria mulheres e homens à construção de novos padrões de feminilidade e masculinidade. Carmen mencionava que as meninas de sua geração, adolescentes na década de 1930, possuíam instrução secundária e algumas se preparavam para cursar faculdade em Pelotas ou em Porto Alegre. Além disso, possuíam um acesso significativo à leitura:

Algumas vinham de casas onde havia excelentes bibliotecas e, pelo menos, as garotas do meu grupo eram sôfregas leitoras: Stendhal, Flaubert, Machado de Assis, Eça, Thomas Mann, Knut Hamsun. Hans Fallada acabava de se perfilar no campo editorial, Huxley se tornara moda e passávamos horas a fio debatendo Point Counter-point. Sozinha em meu quarto eu me escabelava recitando Shakespeare e Corneille no original – aliás, foi assim que consegui curar uma leve gagueira de timidez que me afetara em meu primeiro ano de escola normal. Entupia-me de Nietzsche, Ingenieros, Krishnamurti, Ortega e Gasset – uma salada, um emaranhado difícil de destrinchar, mas algo estimulante que subia à cabeça como um vinho. Numa viagem ao Uruguai, eu conhecera Carlos Sabat Ercasty que, alma generosa, me mandava todos seus livros; deslumbrava-me ainda com algumas esplêndidas mulheres: Juana de Ibarburu, Alfonsina Storni, Gilka Machado, Cecília que eu apenas começava a descobrir. Enfim, apesar da desordem dos conceitos mal assimilados, havia mais coisas no horizonte das adolescentes riograndinas do que sonhava a vã filosofia de seus pais. (DA SILVA, 1984. p.28)

Em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, distante das metrópoles que eram o centro vivo da República, existia um acesso

significativo a uma produção literária diversificada. A literatura acessível à geração de meninas da qual Carmen fez parte pode ter servido de contraponto à educação burguesa “bem comportada” que elas receberam da família e da sociedade rio-grandina. Cabe salientar também o relato sobre os contatos com a literatura produzida nos países da região platina, bem como as referências que a autora faz sobre o Uruguai. Em outros trechos de suas memórias estas referências aparecem frequentemente, mostrando que Montevideu era uma cidade visitada por algumas moças de sua geração. Esses relatos contrastam com a aparente inércia que a autora mencionava sobre sua cidade natal.

Pode-se compreender que os primeiros anos de Carmen da Silva presenciaram algumas contradições presentes na sociedade brasileira na primeira metade do século XX. De um lado, sobrevivência de uma mentalidade tradicional - representada pelas elites oligárquicas - e a tentativa de estabelecer um pensamento hegemônico burguês. De outro, as resistências protagonizadas por grupos sociais que não se sentiam representados nem pelas oligarquias nem pelo modo de vida imposto pela burguesia moderna.

Fruto destas contradições, a primeira metade do século passado transcorreu em um contexto de grandes manifestações sociais. O modelo político oligárquico, baseado nas relações de clientelismo e patriarcado, entrou em uma crise profunda frente às transformações que surgiam no panorama histórico daquele momento. O censo demográfico de 1920 apontava que 63% dos brasileiros estavam ligados a atividades econômicas agro-pecuárias; 13,8% trabalhavam na indústria e 16,5% dedicavam-se ao setor de serviços. Embora ainda representassem um contingente menor se comparado aos trabalhadores agrícolas, o operariado e os trabalhadores urbanos em geral somavam, juntos, pouco mais que 30% dos assalariados do país. No final do século XIX, este contingente não alcançava os 15%, o que significa dizer que o número de trabalhadores vinculados a outros setores econômicos que não fosse a economia primária dobrou em duas décadas. Estas modificações na natureza das ocupações laborais e do perfil da população podem ser vinculadas ao processo de modernização levado a cabo pelas elites republicanas que assumiram o país a partir de 1889. Elites estas inspiradas em um modelo de desenvolvimento dos países da Europa.

O cenário modernizador era composto igualmente pelo ritmo rápido de mudanças cotidianas que alteravam os modos de vida das populações. Nicolau Sevcenko, em um importante estudo sobre a cidade de São Paulo, descreve o ritmo acelerado da experiência histórica das pessoas que vivenciaram esta avalanche de mudanças nas primeiras décadas do século XX:

Essa cidade que brotou súbita e inexplicavelmente, como um colossal cogumelo depois da chuva, era um enigma para seus próprios habitantes, perplexos, tentando entendê-lo como podiam, enquanto lutavam para não serem devorados. (...) Vivendo num mundo onde as coisas não têm definição – ou porque são inéditas, ou porque se apresentam quer em escala desproporcional quer num ritmo inalcançável, ou porque são desconformes com o meio, ou ainda porque são descontextualizadas – os personagens desse mundo em ebulição carecem, com urgência, de um eixo de solidez que lhes dê base, energias e um repertório capaz de impor sentidos a um meio intoleravelmente inconsistente. (SEVCENKO, 1992, p.31)

São Paulo, junto com o Rio de Janeiro, capital federal na época, foram cidades onde as mudanças transcorriam de forma mais aparente, integrando o Brasil, pouco a pouco, ao capitalismo mundial. Ao que tudo indica, atenta a este processo de modernização, Carmen, ainda adolescente, ambicionava mudar-se para o Rio de Janeiro. Este anseio seria retratado no romance *Sangue sem dono*, de 1964. Duarte afirma o caráter autobiográfico do referido romance que, logo nas primeiras páginas, revela a protagonista: seu nome é Carmen e saiu ainda na infância da cidade de Rio Grande com sua família rumo ao Rio de Janeiro, lugar descrito pela autora como novidade, a aventura, o prestígio capital.

A narrativa de Carmen da Silva utilizava com certa recorrência elementos reais e ficcionais. Mas, ao contrário da Carmen do romance, a escritora só deixou a sua cidade natal no ano de 1944, após o falecimento de sua mãe, e não para morar no Rio de Janeiro, mas para viver em Montevidéu. De qualquer modo, o elemento ficcional do referido romance permite pensar na atração que a capital do Brasil exerceu durante a mocidade de Carmen. O Rio de Janeiro era visto como sinônimo de mudança, o lugar onde a vida acontecia em um outro ritmo.

Este contexto social repleto de turbulências e grandes transformações marcaram a infância e a adolescência de Carmen e talvez possa ser vinculado ao desejo de mudança que a autora veio a relatar em sua autobiografia escrita em 1984. A escritora recorda-se como uma “adolescente avoadada, considerada meio moleque, meio sem modos, em contraste com a distinção dos meus, mas no fundo, uma boa garota de família” mas também lembrava que “ser mulher numa cidade pequena nas décadas dos 30 e dos 40 era mais do que difícil, era dramático”. (1984, p.14) Para Carmen, a única saída possível foi a fuga, não para o tão sonhado Rio de Janeiro, mas para o Uruguai. Em sua autobiografia, a fuga não aparece como um recurso à coragem, mas sim a uma questão de sobrevivência, ela se diz uma “mulher como as outras, sem pena, nem glória, mas relativamente inteira” e completava, referindo-se às que ficaram, em uma alusão ao livro *Os Sertões* de Euclides da Cunha, dizendo que “a gaúcha é, antes de tudo, uma forte”. (1984, p.11)

Estes dados da autobiografia de Carmen permitem inferir os sentimentos que ficaram em sua memória em relação às suas primeiras décadas de vida. Poucas remissões à infância, quando esta era apenas a *Carmenzinha do Dr. Pio* talvez sejam sintomáticas do olhar da Carmen madura, feminista, que não se reconhecia enquanto tal na menina cuja identidade era associada à figura paterna e a sua família. Assim, as lembranças da infância remetem aos limites impostos pela cidade natal, aos preconceitos e aos processos de normatização social:

Eram tempos de andar com a certidão de casamento no bolso. Não porque abundassem as transgressões: ao contrário, eram raríssimas e arriscadas. Mas o Rio Grande zelava pelos mores, fiscalizava as origens, o curriculum e a legitimidade das pessoas que acolhia ou deixava de acolher em seu seio.

Essas distinções sociais eram pétreas: ninguém as discutia nem achava necessário explicitá-las: o óbvio, lé-com-lé, cré-com-cré, a panela de ferro e a panela de barro -enfim, a sinistra suficiência dos pequenos círculos plantados em suas Certezas Incontestáveis. (DA SILVA, 1984, p.11-12)

Apesar das mudanças sociais em curso na sociedade brasileira, a narrativa de Carmen constrói um panorama no qual as distinções sociais, a moral e as normas de conduta eram requisito para que o indivíduo participasse de uma determinada comunidade. Classe

social, etnia e gênero eram algumas das categorizações passíveis de distinção, como nos mostra a escritora em um dos episódios do seu livro de memórias que conta a história de uma moça chamada Veneza, atendente de uma das poucas livrarias da cidade. Carmen refere-se à moça como alguém que atendia bem, era educada e gentil, e ressalta: “respeitadas as Diferenças Sociais, as pessoas de *nosso* meio gostavam dela, sorriam para ela, tratavam-na com afabilidade paternalista”. (1984, p. 23, grifos do original)

A afabilidade foi substituída pelo desprezo quando, na cidade, correu o boato de que Veneza participara de uma “farra” com rapazes que costumavam freqüentar um cabaré dos arredores. A moça perdeu o emprego na livraria, tornou-se um ser abjeto para a sociedade riograndina e passou por uma transformação tão marcante que, segundo Carmen, só lhe faltaria um cartaz na testa dizendo: “É isso aí gente, emputeci!”. (1984, p.13)

Conforme a escritora, a queda da moça que até então lhe chamava para oferecer-lhe o último livro de Huxley ou Pirandello foi seu primeiro contato com a iníqua condição feminina. Não se tratava de nenhuma tomada de consciência súbita, como a própria autora fez questão de esclarecer, mas de um desconforto com a situação daquela moça que, após anos de descrição e serventia, tornara-se uma relegada para a cidade. Paradoxalmente, a conclusão de Carmen é de que a partir deste processo de “emputecimento”, utilizando os seus próprios termos, Veneza começou a existir. A existência é aqui marcada pelo fato da moça deixar de ser a anônima atrás do balcão da livraria e tornar-se “a Veneza”, alguém de quem as pessoas falavam, alguém que virou notícia e assunto de comentários. Seria esse o destino das mulheres? Subverter as normas para transformar-se em alguém? É plausível que neste episódio a menina Carmen tenha compreendido que para deixar de ser a filha do Dr. Pio seria preciso romper com as normas sociais de sua família e de sua cidade natal.

Para Carmen, escapar ao casamento não foi fácil. Ajudou o fato de ter ficado órfã do pai aos seis anos e de sua mãe ter morrido quando ela tinha 21 anos. Na época, Carmen decidiu ir morar sozinha no Uruguai, em 1944, e, deste modo, livrou-se das pressões diretas familiares acerca da questão do casamento. Na contramão das convenções sociais, mesmo as mulheres de classes sociais mais abastadas encontravam formas de

resistência às normatizações.

Após um período vivendo no Uruguai, Carmen conseguiu um emprego na Embaixada Brasileira da Argentina, país onde foi residir nos anos 50. Apesar da dificuldade de adaptação ao ritmo de vida portenho, Carmen lembra do período como um momento de conquistas, sendo a maior delas o início de sua carreira como escritora.⁵ Em 1957 publicou seu primeiro romance, intitulado *Septiembre*. Em suas memórias, Carmen recorda com bom humor o fato de que parte da crítica acreditava que o romance havia sido escrito por um homem devido à sua qualidade literária e que Carmen da Silva era apenas um pseudônimo:

O fato é que quando escrevi um livro sem pieguices de linguagem ou de conteúdo, ninguém ainda conhecia meu nome – eu jamais assinara até então uma única linha em qualquer publicação argentina – e, a princípio, todo o mundo supôs que eu fosse homem: “Carmen da Silva, cuyo pseudônimo debe ocultar una pluma masculina...”, escrevia *La Razón*. O único que, de saída, me aceitou mulher, para melhor malhar (e a aliteração aqui não foi deliberada) foi Rodolfo Mitre, herdeiro e crítico de *La Nación* (...) Seu julgamento automaticamente se desqualificava por partir de uma premissa extraliterária: “Toda literatura feminina é supérflua”, começava ele(...). (1984, p.93)

Apesar dessas críticas derivarem de um olhar masculino sobre seus escritos, Carmen confessou que elas não lhe causaram grande impacto. Lembrou em sua autobiografia que anos de 1950 nunca ouvira falar de “machismo, feminismo, patriarcalismo”. E talvez por isso tomou as críticas que atribuíam o seu trabalho ao de um homem como um

5 DUARTE comenta a repercussão da obra de Carmen na Argentina: Foi na capital argentina, onde viveu até 1962, que Carmen da Silva conquistou um espaço intelectual como escritora, embora limitado. Sua produção literária surgirá concomitante ao trabalho na Embaixada. Tão logo que sentiu dominar a língua espanhola, tratou de escrever um conto – que envia para um suplemento literário, cujos colaboradores mantinham correspondência com ela. Esse conto foi publicado e elogiado pelo titular da seção, que fez o seguinte comentário: “agudo ingenio, fina ironia, bueno estilo” (*Diário de Notícias*, 31 maio 1964). Tratava-se de sua primeira publicação em espanhol, intitulada “Candombe”, uma versão rioplatense uruguia do nosso candomblé, que lhe abria espaço para a criação de outros contos. Dentre os de sua preferência estão “Domingo” e “Huelga”, o único traduzido para o português, sob o título de “Greve”. Carmen também destaca: “La risa de Abel”, conto de cunho psicológico e o que atingiu maior sucesso, e ainda “La cita”, no qual aborda questões da metafísica (*Leitura*, 1964: 39).

supremo elogio. Quanto às ressalvas ao seu romance como parte de uma literatura feminina supérflua, Carmen simplesmente ignorou tal afirmativa como uma manifestação individual. Apenas alguns anos depois começou a aproximar-se do feminismo, o que foi parte de um processo gradual de formação intelectual:

Só de um modo muito gradativo comecei a perceber a teia de aranha persistente e tenaz que envolve as mulheres, tolhendo-lhes os movimentos, a gaiola de ouro – para algumas, de arame enferrujado – da qual eu fugira num momento inspirado – porque podia fugir – sem ter, entretanto, muita consciência do que fazia. (DA SILVA, 1984, p.95-96)

A sua identificação com o feminismo como decorrente de uma atividade intuitiva, sem uma consciência prévia, é uma questão presente em suas memórias. Mesmo depois de se mudar para o Brasil, em 1962, e começar a escrever sua coluna na *Revista Claudia* um ano depois, há indícios que denotam que a proximidade da escritora com o feminismo não foi imediata, foi a partir de um processo pessoal, de uma descoberta que ocorreu, em boa medida, pelo fato de outras pessoas a classificarem como tal. Rose Muraro, feminista que conviveu com Carmen contou que, no início da década de 1960, o feminismo ainda não estava latente nos horizontes intelectuais de ambas:

Eu conheci Carmen da Silva no início dos anos de 1960, antes do golpe militar. Eu ia na casa dela, ela gostava muito de mim, conversávamos muito, não tinha ainda o problema do feminismo nem para mim, nem para ela. Ela era progressista, eu era progressista e pronto.(...) E depois não se podia dizer a palavra feminismo, a palavra feminismo foi dita pela primeira vez na revista Claudia em 1974, porque era muito assustador(...).(MÉNDEZ, 2008: 261)

Embora possa se aventar que as ideias feministas já estavam em circulação no campo intelectual brasileiro, a palavra feminismo não aparecia de modo direto nos escritos de Carmen da Silva. Identificado com uma noção equivocada de uma proposta de divórcio entre os sexos ou de imposição de uma supremacia feminina, era mal visto tanto por conservadores quanto por segmentos progressistas. Ao percorrer aspectos da trajetória da Carmenzinha do Doutor Pio, quis salienta

que, antes de um percurso linear e inequívoco, a vida de Carmen foi pautada por um campo de possibilidades. Assim, a identidade é mutante, definida historicamente e não biologicamente e:

(...) à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 11)

Carmen da Silva: mulheróloga, feminista, senhora de respeito.

Carmen da Silva não nasceu feminista, se fez feminista a partir de experiências individuais e coletivas associadas às transformações em curso na primeira metade do século XX. Um olhar sobre a sua trajetória intelectual pode oferecer indícios para compreender como ocorreu sua aproximação com o feminismo.

No início dos anos de 1960, época em que Carmen começou sua atividade como escritora no Brasil, a palavra feminismo, como visto anteriormente, causava reações adversas. O receio em ser identificada com um termo de conotações pejorativas estava presente no trabalho de Carmen. Sua autobiografia apresenta algumas evidências sobre o processo de construção de uma posição feminista:

E à medida que lia aquela aflitiva enxurrada de depoimentos, à medida que refletia sobre eles para poder responder às cartas e redigir os artigos, ia-me enfronhando cada vez mais nos problemas, nas contradições, nas perplexidades da condição feminina e “fazendo” minha própria cabeça. (...) E quando dei por mim, havia ganho o título de “mulheróloga” – outorgado, se bem me lembro, por Stanislaw Ponte Preta.⁶ E, pior ainda, me havia tornado feminista. Assumida e desbragadamente feminista. Com perdão da palavra.⁷ (DA SILVA, 1984:20)

Ao invés de uma identidade fixa, construída conscientemente como parte de uma trajetória linear, percebe-se que a transformação

⁶ Codinome do jornalista Sérgio Porto, importante figura intelectual durante os anos 50 e 60, que escrevia suas crônicas utilizando este codinome.

⁷ DA SILVA, *op. cit.*, p. 120.

da *Carmenzinha do Dr. Pio* para a Carmen da Silva *mulheróloga* ocorreu ao longo seu percurso como escritora e intelectual, como fruto dessa experiência. Chama a atenção o fato de que outras pessoas lhe atribuísem a condição de especialista na questão feminina sem que ela assim se autodenominasse. Deste modo, os caminhos que levaram à sua aproximação com o feminismo não podem ser descolados da sua trajetória de vida e intelectual. Outro aspecto relevante neste trecho de sua autobiografia é o fato da escritora utilizar-se da ironia para dizer que se assumiu como feminista “com perdão da palavra”. Isto foi escrito em 1984, período em que o feminismo – enquanto movimento social – já possuía importante representação na sociedade brasileira e os estudos feministas começavam a despontar. No entanto, ainda neste momento, a escritora pede licença aos seus eventuais leitores para utilizar o termo feminismo.

Se naquele momento a palavra ainda carecia de pedidos de desculpas para ser usada não é difícil imaginar o seu impacto no começo dos anos de 1960. Talvez por isso, as crônicas iniciais de Carmen tenham adotado um tom mais ameno, abordando a libertação feminina ao mesmo tempo em que reconheciam a necessidade de que esta autonomia ocorresse sem que a mulher deixasse de cumprir com seus papéis. Este fato transparece, por exemplo, na preocupação em manifestar que a mulher não deveria perder sua feminilidade. Na crônica intitulada *Uma pequena rainha triste*, Carmen desafiava as mulheres a atravessar a fronteira do espaço doméstico. Ao mesmo tempo, porém, dizia que a mulher masculinizada era um ser “imaturo (...) que trata de encobrir essas deficiências mediante atitudes exatamente opostas”. (DA SILVA, 1967, p.50). Esta crítica à mulher que se masculinizava para ser aceita no mundo era completada por um clamor para que as mulheres não se contentassem em ser rainhas do lar, e sim “súditas do mundo”: “Só assumindo sua condição de súdita do mundo, a dona de casa deixará de ser rainha-escrava para transformar-se numa mulher contente que, entre suas inúmeras riquezas, também conta com um lar, marido e filhos”. (Idem) Aqui talvez se perceba a conciliação entre a escritora que – na prática – confessava-se uma inábil dona de casa e nunca se casou – com a jornalista que, aos poucos, introduzia suas leitoras em uma nova perspectiva do universo feminino.

Com o tempo, suas crônicas iriam ganhar novos contornos, apresentando uma percepção sobre a dimensão da diferença sexual

como elemento constitutivo da organização social. Conforme Chartier: Inscrita nas práticas e nos fatos, organizando a realidade e o cotidiano, a diferença sexual é sempre construída pelos discursos que a fundam e a legitimam. (2002, p.96) No processo de percepção das iniquidades entre os sexos, ocorre uma aproximação dos escritos de Carmen da Silva com o feminismo. A escrita feminista de Carmen da Silva constituiu um contra-discurso da diferença, ao enfatizar o caráter mutante das relações entre os sexos e a relação imbricada entre o individual e o político, as estruturas sociais e o cotidiano:

[...] inserindo-a na atividade; os meios de difusão maciça levam a cultura, ou, pelo menos, a atualização, aos quatro cantos do mundo e até a mais recalcitrante vovó está ao par de bomba de hidrogênio e da mini-saia; o parto sem dor levantou a maldição bíblica que pesava sobre o destino feminino e o aperfeiçoamento dos sistemas anticoncepcionais transformou a maternidade numa escolha, ou seja, num ato de liberdade. (1971, p.153)

Para Carmen, a sua geração já vivia mudanças que simbolizavam um ato na busca da emancipação feminina. No entanto, suas palavras refletiam um sentimento de dicotomia entre as mudanças em curso e a permanência de conhecimentos e aos valores tradicionais que impediam a liberdade feminina. A título de exemplo, essa oposição entre tradição e liberdade pode ser encontrada na continuação da crônica intitulada “O Superego”, de 1971:

O problema, porém, é que a geração de hoje foi educada por seus pais-isto é, o que se lhe inculcou na infância, o que presidiu à formação de seu superego, foi a moral de ontem. Em consequência, na atualidade são mais evidentes que nunca os conflitos entre os ditames da razão, os argumentos do intelecto e, de outro lado, as arcaicas e teimosas exigências do superego. (1971, p.153-154)

O trabalho de Carmen da Silva oferece algumas pistas sobre os mecanismos de aceitação/rejeição do feminismo por parte da imprensa e da intelectualidade brasileira. Sua coluna, publicada na *Revista Claudia* é sintomática de que, pelo menos por parte da imprensa, havia interesse em discutir temas notoriamente vinculados ao feminismo.

Como reconhecimento a seu trabalho, nos anos de 1970, a jornalista passou a ser considerada como uma grande precursora da questão feminista no país, ou, como a mesma relata em suas memórias, uma *mulheróloga*. Entretanto, em suas inúmeras crônicas e nos três livros que publicou nos anos de 1960 ela não se assumia como feminista.

Apenas no ano de 1976, Carmen da Silva se declarou feminista em sua coluna na crônica intitulada *Porque sou feminista*:

Em julho de 1963, tendo a revista Claudia apenas dois aninhos, nascia esta seção “A Arte de Ser Mulher”. [...] Já naquele primeiro artigo eu esboçava o que me parecia – e continua parecendo – o único caminho de saída: a mulher devia sacudir a passividade e o marasmo, desprender-se dos falsos rótulos e das imagens pré-fabricadas [...] assumir-se, deixar de ser barquinho à deriva e, em última análise, tornar-se a protagonista de sua própria vida.

Essa foi, e continua sendo, a tônica de meu trabalho ao longo desses 13 anos. [...] Ao longo desses 13 anos mudou, objetiva, concretamente, a situação da mulher brasileira?

Aqui a resposta já é bem menos otimista. (1994, p.73-75)

Percebe-se, portanto, que a escritora buscava encontrar uma linha de continuidade em seus escritos, um fio condutor que oferece um sentido e uma coerência à sua produção intelectual. Justificou sua identificação enquanto feminista como uma decorrência das suas atitudes:

Já é hora de assumirmos aberta e francamente a definição: Eu sou feminista. Assim como o são todas vocês que me escrevem, queixando-se de injustiças, discriminações, iniquidades, sejam elas de ordem geral ou referidas a tal ou qual situação específica. [...]

Bem, também vocês são feministas. Mesmo que não o saibam, mesmo que vacilem em colocar-se esse rótulo que assusta tanta gente. (1994, p. 77-78)

A palavra foi dita. Carmen da Silva, após mais de uma década à frente da coluna “A Arte de Ser Mulher” abraçava o rótulo e os riscos. Sua escrita – que assumia um ar de revelação – é sintomática do quão difícil era, para uma intelectual, colocar-se nessa posição. Ser feminista significava um lugar particular da condição de mulher e de intelectual. Ser feminista era tomar a palavra em público, denunciar as injustiças e as

iniquidades entre os sexos. Era também algo a ser carregado, um título, quase um fardo identitário. Ao fim das contas, o feminismo dotava de sentido o percurso intelectual e a vida dessa senhora de respeito.

FONTES

- Jornal Echo do Sul*, Anno 71 – Rio Grande 28 de setembro de 1925 – n. 220.
- CIVITA, Laura. *O melhor de Carmen da Silva*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.
- DA SILVA, Carmen. *A Arte de Ser Mulher*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- _____. *O homem e a mulher no mundo moderno*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- _____. *Histórias Híbridas de uma Senhora de Respeito*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

REFERÊNCIAS

- CHARTIER, Roger. A história entre narrativa e conhecimento, In: *Á beira da falésia. A história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- DUARTE, Kelly Batista. *Carmen da Silva: nos caminhos do autobiografismo de uma mulheróloga*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008. p. 75.
- LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: AMADO, Janáina; FERREIRA, Marieta. *Usos & Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.
- MÉNDEZ, Natalia Pietra. *Com a palavra o segundo sexo: percursos do pensamento intelectual feminista no Brasil dos anos 1960*. 2008. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.

SCHMIDT, Benito. A biografia histórica: o “retorno” do gênero e a noção de contexto. In: GUAZZELLI, C.; PETERSEN, S.; SCHMIDT, B.; XAVIER, R. (orgs.). *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Recebido em: 15/10/2012. Aprovado em: 20/11/2012.